

Entrevista a Carlos Rocha Santos

GD: De que gosta muito?

De sinceridade, comprometimento, pontualidade e verticalidade.

GD: O que detesta ou o irrita muito?

A ingratidão, a falta de compromisso, a falta de pontualidade, a desonestidade e a falta de coluna vertebral.

GD: Vê o avançar da idade como um passo a mais ou um passo a menos?

Claramente como um passo a mais; é caminho percorrido e aprendizagem recolhida.

GD: Em pequeno era uma criança difícil?

Muito irrequieto, o que me valeu algumas quedas de que guardo marcas. Na adolescência e na juventude, julgo não ter causado cabelos brancos aos meus pais.

GD: Muitas pessoas entendem que a vida de um contabilista é demasiado monótona. Qual é o segredo para o Carlos conseguir desempenhar esse cargo há mais de 30 anos e continuar a encontrar motivação e alegria no trabalho?

Trabalho em contabilidade há cerca de 40 anos e tenho a sorte de fazer o que gosto. Ao contrário dessa ideia, a contabilidade não é monótona; é mesmo desafiante, até porque surgem novos produtos ou operações, novas regras contabilísticas e fiscais, e é muito importante interpretar e perceber o conteúdo para saber registar os factos.

As coisas só se tornam monótonas para quem faz de cor e sem paixão!

GD: Quem é o seu ídolo?

O meu pai

GD: A sorte somos nós que a fazemos?

Também. É preciso estar atento e aproveitar as oportunidades que surgem. O comboio pode não passar uma segunda vez. Claro que haverá sempre factores externos, mas, como dizia, em tempos, um treinador de futebol: “a sorte dá muito trabalho”.

GD: O que é que gostava que durasse sempre?

Aqueles que verdadeiramente estão comigo – os que fazem parte da minha vida e eu da deles. E a minha capacidade de pensar e decidir por mim; confesso que tenho medo de que o tempo me roube a memória e o discernimento.

GD: E o que é um dia perfeito?

Um dia sem pressas e sem marcações; um dia para estar com aqueles que amamos e sair a passear sem destinos, horas ou outras preocupações.

GD: Se atribuíssemos apenas uma parte do dia para o acto de meditar, qual seria o período por si escolhido? Imediatamente antes de dormir ou logo depois de acordar?

Talvez depois de acordar.

GD: Falar com o papa é o momento alto na vida de um católico?

Acredito em que a alegria de falar com o papa seja imensa. Quando estive, em 1982, na cerimónia com o Papa S. João Paulo II no Porto, foi muito, muito bom. Contudo não creio que seja “o momento alto”, mas será com certeza “um momento alto”.

GD: Na vida qual é mesmo a regra do jogo?

Para mim, são: o respeito, a verdade, a sinceridade a honestidade e o compromisso.

GD: É homem para verter duas lágrimas ao ver um filme que o emocione?

Claro que sim. Essa coisa de que os homens não choram não faz qualquer sentido.

GD: Um dos grandes prazeres da leitura é que uma viagem literária consegue levar-nos a todo o lado, sem que saíamos do mesmo lugar. Qual é a sua viagem de sonho?

Talvez percorrer a Europa.

GD: Tem ideia de um bom conselho que alguém lhe tenha dado?

Todos os conselhos dos meus pais, mas lembro-me particularmente de quando, num sábado de manhã, o meu pai abriu o JN e me disse: filho, responde a este anúncio, é capaz de ser bom para ti; respondi ao anúncio, e uns meses depois estava a trabalhar no BPI, onde conheci gente magnífica e com uma elevadíssima cultura de rigor.

GD: Qual era a pegada que gostava de deixar para as gerações vindouras?

Que vale a pena ser honesto e verdadeiro; que vale a pena cuidar dos outros. E de nós, claro; pois, se não estivermos bem, não poderemos cuidar de quem nos rodeia.

GD: Considera-se uma pessoa metódica e organizada?

Sim. Sou um tipo da contabilidade 😊

GD: O individualismo abundante, a ineficiência do Estado, são causas do afastamento do bem comum, a gerar desequilíbrio, desarmonia na sociedade, desigualdade social, com enorme concentração de riquezas para alguns poucos, em detrimento da maioria esmagadora da população. Com isso vem a miséria, a pobreza, a violência, a fome, e todos os tipos de mazelas humanas. Tudo isto impõe a seguinte pergunta: «Por onde anda o bem comum?» Todos temos culpa nesse processo. Hoje as crianças não podem gozar de brincadeiras em conjunto, na rua, até ao fim da tarde; não têm com quem brincar e ficam presas aos telemóveis e *tablets*. Os pais não têm tempo para brincar com os filhos. A “necessidade” de ter mais bens materiais ocupa todo o tempo. E isso torna as crianças, adolescentes e jovens individualistas, desde logo, porque são deixados sozinhos.

E o facto de se “juntar sempre a fome com a vontade de comer” também não ajuda – normalmente os que têm estão com os que também têm – e os que não têm, ficam sem alternativa. Mas, na verdade, também há gente que não tem e se recusa a ir à luta; prefere viver na subsidiodependência e nos esquemas.

De facto, cada vez mais se perde a noção de “bem comum”. Vejam-se, por exemplo, as colectividades recreativas, culturais, desportivas e outras, que vão morrendo e que eram lugares de convívio de famílias, de lugares; não há quem queira assumir esses compromissos, e aqueles que nada fazem apenas criticam. Andei, e de algum modo ainda ando, há muitos anos nessas missões e aprendi uma coisa: não falta quem faça muito melhor, o que falta é quem faça de facto.

Depois há todo um conjunto de regras que nos impedem de fazer o que quer que seja, porque nos consideram sem habilitações para tal!

No fundo, o materialismo conduz ao individualismo e ao abandono do “bem comum”.

GD: A busca, a efectividade e a aproximação com o bem comum, como dever fundamental de todos e de cada um, a partir do preceito ético universal do amor ao próximo, pode garantir a paz, a segurança e o bem-estar de todos e de cada um.

Apesar de ser fácil e bonito pensar assim, não lhe parece que a vida que cada um de nós leva, cada vez mais, nos empurra para um amor apenas a nós próprios?

Pois é. Mas não devia e cabe a cada um de nós fazer a sua parte. Não podemos mudar o mundo, mas se mudarmos um pouquinho que seja em nossas casas, no trabalho, na escola, na comunidade, já estaremos a dar um contributo muito valioso.

GD: Um equívoco frequente é o de associar o bem comum apenas à prosperidade material. Concorda?

É verdade. A prosperidade material é apenas uma parte. De que adianta ter muito se estamos sozinhos ou se estamos rodeados apenas por aqueles que estão pelo que temos e não pelo que somos?

GD: Se alguém lhe desse o privilégio de obter resposta para uma qualquer pergunta, o que é que gostava de perguntar?

Não tenho essa pergunta. Vou procurando descobrir.

GD: Então se o euromilhões lhe proporcionasse 100 milhões de euros, o que faria?

Penso que resolveria algumas questões pessoais; ajudaria, com certeza, algumas pessoas, criaria algum projeto social e iria viajar. Mas nunca pensei nisso. Jogo poucas vezes 😊

GD: O Carlos já fez teatro, já fez parte de um coro e até já participou num programa de rádio. Será que alguma vez vamos ter o prazer de o ouvir a “ser a voz de um anúncio”?

Gostava imenso – e sinto que tenho qualidade para tal. Não só pelo que ouço e avalio, mas pelo *feedback* que tenho de muita gente.

GD: Onde é que gostava de estar, daqui a 10 anos?

Desde que tenha saúde e possa estar com a minha família e os meus amigos, o lugar em que esteja é irrelevante. Sou um cidadão do lugar onde estiver.

GD: Nessa altura vai ter mais algumas horas livres. Já pensou como é que as vai ocupar?
Não. Mas espero ocupar o tempo de forma saudável e não me tornar um estorvo para ninguém.

GD: Salta da cama, ou é mais de fazer um bocadinho de ronha?
Salto da cama, acordado e com energia.

GD: Acorda bem-disposto, ou só depois das 10.00h?
Acordo bem-disposto.

GD: Se lhe oferecerem uma caixa de limões o que faz: limonada ou caipirinha?
Depende do momento e do que for fazer a seguir.

GD: Se pusermos na balança, uma hora a dar catequese numa sala fechado, e a mesma hora a treinar miúdos num campo de futebol de sete ao ar livre, para que lado é que o prato vai pender?
Para o lado com que estiver comprometido nesse momento. Numa ou noutra tarefa, a minha maior preocupação é transmitir valores e ajudar as crianças a crescer. Mas sempre consciente de que sou (somos) apenas uma pequena parte. É em casa que tudo começa... ou deveria começar!

GD: Por falar em ofertas, o que é que a idade nos oferece?
Sabedoria e discernimento.

GD: E o que é que ela nos tira?
Energia e capacidade de recuperação.

GD: Como é que um crente deve lidar e consegue ultrapassar os grandes escândalos de pedofilia que têm sido notícia na Igreja Católica?
A árvore não faz a floresta. Aqueles que praticaram estes crimes devem ser punidos, mas repito: foram pessoas (homens) não foi a Igreja (instituição). Não me parece justo este ataque à Igreja Católica; parece que está na agenda mediática. Claro que um só crime de pedofilia é grave, mas volto a dizer: não é a Igreja toda.
Não nos esqueçamos de que a maioria dos casos de pedofilia acontecem no seio das famílias e isto não faz de todos os pais e mães – ou da instituição família – uns criminosos. Um bancário desonesto não faz desonesta toda a classe de bancários!

GD: Jesus Cristo disse: «Pai, perdoa-lhes porque não sabem o que fazem.» Esta frase não se aplica para as situações atrás referidas. Qual a frase que o Carlos escreveria?
Jesus Cristo, não disse apenas; Jesus Cristo perdoou de verdade.
Estou muito, muito longe de ser sequer parecido com Cristo; como me posso atrever a mudar uma frase dessas?
Provavelmente teremos de recordar outra frase de Cristo: «A César o que é de César, a Deus o que é de Deus.»

GD: Quais são as suas expectativas em termos de mensagem nova, para as jornadas da juventude que se aproximam?

Espero que a Igreja aproveite a oportunidade para se renovar, para se tornar mais jovem e alegre. É preciso trocar o cinzento das celebrações por algo com mais cor, mais dinamismo, mais jovem e que mostre felicidade; porque ser cristão é isso: é ser feliz!

Lembremos que quando os homens repreenderam as crianças por fazerem barulho junto de Jesus, Ele disse-lhes: não afasteis as crianças, porque delas é o reino dos céus. E, na maioria das vezes, obrigamos as crianças, adolescentes e jovens a comportar-se, na igreja, como adultos. Depois ficamos sem perceber porque se afastam.

GD: Olhando para trás, qual a sua maior conquista?

Orgulho-me da minha família, do meu percurso profissional, da obra que vou fazendo, ainda que pequenina. Não vejo uma grande conquista; vejo pequenas conquistas que me ajudam a crescer.

GD: É mais de olhar para a árvore ou para a floresta?

Sempre para a floresta. Mas claro que é preciso olhar para as árvores e saber escolher entre as que dão bom fruto. Das outras é preciso cuidar a ver se passam também elas a dar frutos de qualidade.

GD: Acredita no destino ou apenas na capacidade de mudar?

Acredito em que todos temos obrigação de cuidar da nossa vida e não entregar ao acaso – ou destino.

GD: Tem saudades de quê?

Das pessoas que partiram e que muito fizeram por mim, mas, como diz o poeta: «Só Deus tem os que mais ama.»

GD: Acha correcto que sacerdotes católicos tenham obrigatoriamente de ser celibatários?

Não tenho formação e informação suficiente para ter uma opinião fechada, mas sou levado a pensar que sim; prefiro que sejam celibatários, para que o sacerdócio não se torne numa profissão. Ser sacerdote deve implicar uma total disponibilidade para a comunidade que um homem casado e com filhos dificilmente pode ter.

O que não entendo é porque as mulheres não possam receber o Sacramento da Ordem; penso que as mulheres trariam novas e boas ideias, outra frescura, aquele pensar e olhar maternal que seria muito bom para todos... e uma coragem que só as mulheres conseguem ter. Afinal, quem estava com Cristo no momento em que foi crucificado? Mas repito: não conheço as razões de fundo para as regras seguidas pela Igreja.

GD: O que queria ser quando era menino?

Carteiro, para receber cartas do meu pai, que estava longe. Mais tarde, o meu sonho era ser piloto de aviões.

GD: O que quer ser quando for velhinho?

Quero manter-me consciente e com alguma autonomia. Não gostava de ficar dependente de ninguém e complicar a vida dos meus.

GD: Se os seus dias tivessem 26 horas, como acha que preencheria as outras duas?

Aproveitava para dormir um pouco mais, acho eu.

GD: E hoje, quem queria ser?

Sim. Sinto que sou um bom pai e marido, um exemplo para os meus filhos e para as crianças que me são confiadas nas minhas actividades. Mas também para aqueles que me rodeiam. Sou um bom profissional e um homem sério. E isso basta-me!

Orgulho-me de ser quente ou frio, nunca morno; não estou por estar ou para agradar. Estou porque acredito; e quando estou, estou comprometido.

GD: Em criança, um dos desejos mais idiotas que nos ocorrem é o de querermos que rapidamente chegue a idade que permita sermos tratados como adultos. Este também fez parte dos seus?

Creio que nunca tive essa pressa; até porque, com 15 anos já trabalhava de dia e estudava de noite... não tive muito tempo para esses sonhos.

GD: Aos 59 anos, o que é que se sabe que não se sabe?

Sabe-se com toda a certeza que não se sabe tudo.

E que «ninguém é tão pobre que não tenha nada para dar, ou tão rico que não tenha nada para receber».

GD: Por falar em saber, quem sabe os seus segredos?

Não tenho grandes segredos – felizmente, acho eu. Mas os poucos que tenho conhecem-nos a minha mulher e os meus filhos. A Lucinda partilha a vida comigo há 39 anos.

GD: Quem é o seu maior fã?

Gostava de que fossem os meus filhos. Sei que eles me amam. E sei que alguns amigos ou familiares de algumas crianças me reconhecem algum valor e talento, e me consideram uma referência. Isso enche-me o depósito para continuar.

GD: Fale-me de alguns pequenos prazeres.

Estar à mesa com a família, com amigos e ao final do dia sentar-me no sofá sem pensar em nada... 5 minutos que seja!

GD: Ser catequista de uma criança a quem tenha acontecido a desgraça de perder o pai ou a mãe num passado muito recente é certamente um desafio. Como é que se explica a uma criança que Deus tenha permitido que tal tenha acontecido?

Nunca me aconteceu algo tão triste na catequese, mas não acho que se possa culpar Deus; a nossa natureza humana é finita.

Já perdi a minha mãe e dois irmãos muito queridos, e nunca culpei Deus. Segui a minha vida o melhor que posso para os poder homenagear e respeitar a sua memória.

Não podemos culpar os barbeiros ou cabeleireiros por haver muita gente com o cabelo maltratado e sujo.

GD: Considera que é uma pessoa feliz?

Sim. Considero que tenho a oportunidade de ter momentos de felicidade.

GD: De que precisaria para se sentir ainda mais feliz?

Ver os filhos crescerem e estarem bem aumenta a nossa felicidade.

GD: O que é que o período de confinamento lhe ofereceu?

Há sempre dois lados: o do copo meio vazio: máscaras, isolamento, famílias fisicamente separadas, catequese *on-line*, igrejas fechadas, treinos e competições canceladas... Mas também o copo meio cheio: os amigos que se encontravam *on-line* com um café na mão para conversar, a alegria de um reencontro quando possível e a oportunidade de percebermos o quanto éramos felizes e livres antes da pandemia.

Felizmente não perdi o emprego e a oportunidade de trabalhar – o BPI conseguiu dar uma resposta espectacular e implementar o teletrabalho com benefícios que ainda hoje podemos utilizar. Ter a possibilidade de trabalhar a partir de casa sem quebra de rendimento é uma consequência muito positiva da pandemia. Ou seja, é sempre possível tirar algo positivo, mesmo de uma crise.

GD: Considerando que o dia de fundação do JACA foi 30-06-1974, podemos concluir que o 25 de Abril teve uma forte preponderância para a sua criação?

No caso do Jaca FC, não; foi apenas para que fosse registado. O Jaca FC já existia antes dessa data. 30/06/1974 é apenas uma data de referência.

Mas, na verdade, Abril de 1974 abriu muitas portas ao associativismo e à realização de actividades que antes estavam vedadas. E isso é fundamental.

GD: No fim da nossa viagem por aqui, o que é que conseguimos levar?

Apenas aquilo que tivermos feito pelos outros.

GD: Qual a sua opinião sobre este tipo de conversas, ou sobre esta rubrica do Grupo Desportivo?

Quando lia, achava giro; agora que “fui apanhado”, vejo que é de grande exigência, mas muito bom. E se puder ser bom para alguém, fantástico!

GD: Qual foi a pergunta que ficou por fazer?

O que guarda de mais positivo de toda a sua carreira no BPI?

– Eu diria e digo: orgulho-me de em 36 anos de contabilidade BPI nunca alguém me ter pedido que cometesse uma só ilegalidade. Esta é uma das marcas da cultura BPI de que nos devemos orgulhar.

– Acrescento que tive oportunidade de conhecer pessoas magníficas, e permitam-me que nomeie apenas duas: o sr. Domingos Vieira, meu primeiro chefe no BPI e verdadeiro Mestre, e o sr. Dr. Artur Santos Silva, que dispensa apresentações; tenho por ambos uma profunda admiração.

– E um verdadeiro grupo de amigos que há muitos anos caminham juntos e de onde ganhei alguns “afilhados”. Eles sabem quem são!

Curtas e Rápidas

GD: Teatro ou cinema?

Teatro

GD: Prosa ou verso?

Prosa

GD: Treinador de futsal ou dirigente desportivo?

Dirigente

GD: Relatar um jogo de futebol ou liderar um programa de rádio de auto-ajuda?

Um programa de rádio, mas não de auto-ajuda.

GD: Beijo ou abraço?

Abraço

GD: Papa João Paulo II ou Papa Francisco?

Os dois. Mas sempre de Cristo e por Cristo.

GD: Manhã ou tarde?

O dia inteiro

GD: Séries ou filmes?

Filmes

GD: Ensaaiador ou marchante nas festas de S. João?

Marchante; ensaiador é muito complicado

GD: Almoço ou jantar?

Jantar

GD: O filme mais... mais... mais...?

A Escolha de Sofia, com Meryl Streep

GD: Grupo Desportivo BPI?

Uma instituição que promove e fomenta o bem comum. A sua enorme e espectacular actividade devia ser mais divulgada entre os colaboradores – na *intranet* ou por *email*; ainda que através de *emails* particulares.

Por Rui Duque, 19-08-2023